

INSTITUTO HUMANITATIS
CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA TRANSPESSOAL
APLICADA

XAMANISMO E AS PLANTAS DE PODER

Edna Martins

Karla Kimiká Caparroz

Marina G. Del Bel Cruañes

Jundiaí – SP

201

Edna Martins
Karla Kimiká Caparroz
Marina G. Del Bel Cruaães

XAMANISMO E AS PLANTAS DE PODER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Humanitatis com o requisito de conclusão do curso de formação em Psicologia Transpessoal Aplicada. Coordenadora do curso Leyde Christina Righetti Rino Resende.

Jundiaí – SP
2014

Dedicamos esse trabalho ao Grande Espirito que nos possibilitou adentrar nos ensinamentos e praticas xamânicas ancestrais e suas plantas de poder, e a todos os facilitadores do Instituto Humanitatis que nos proporcionaram grandes aprendizados.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	04
2. Xamanismo.....	05
2.1. O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.....	08
3. O Xamã.....	14
3.1. O Estar Xamã.....	15
3.2. Os Cinco Inimigos do Xamã.....	15
4. As plantas de poder.....	17
4.1. Peiote.....	18
4.2. Iboga.....	20
4.3. Datura.....	22
4.4. Jurema Negra.....	23
4.5. Ayahuasca.....	25
4.6. Ganja.....	28
4.7. Sálvia Divinorum.....	30
4.8. Lótus Azul.....	31
4.9. Cogumelos Sagrados.....	32
4.10. Soma (Amanita Muscaria).....	33
4.11. Wachuma (Trichocereus Pachanoi).....	34
4.12. Rapé.....	34
4.13. Sananga.....	36
5. Conclusão.....	38
6. Referências Bibliográficas.....	39

1. Introdução

O Xamanismo é a prática espiritual mais antiga, e o principal elemento do Xamanismo é a crença em tudo que é Sagrado e Divino, e ao Xamã confere-se a capacidade de entrar em transe e comunicar com o mundo espiritual.

O Xamã atua como canal de cura, tem o conhecimento do poder das plantas, dos espíritos animais e seres da natureza.

Através das plantas de poder é que os Xamãs entram em Estados Alterados de Consciência para comunicar-se com o Grande Espírito e proporcionar a cura da Alma.

2. Xamanismo



O Xamanismo é uma experiência mística própria de religiões primitivas, é a mais antiga prática espiritual, médica e filosófica da humanidade, centrada na pessoa do Xamã, que se acredita capaz de curar e de se comunicar com os espíritos. Os seus poderes se devem à técnica do êxtase, que consiste em poder abandonar o corpo quando em estado de transe.

O Xamã tem um papel muito importante e respeitado, ele exerce as funções de curador, mago, sacerdote, artista, médico, exorcista, condutor de almas e contador de histórias.

Os povos que admitem o Xamanismo acreditam que a doença é provocada pela perda da alma. Assim, o Xamã deve, primeiramente, descobrir onde se encontra a alma perdida ou sequestrada por algum espírito do mal. Para isso, inicia uma difícil e perigosa viagem ao outro mundo, com a finalidade de resgatar a alma e devolvê-la, saudável, ao corpo do enfermo.

O termo Xamanismo é usado pela Antropologia para designar manifestações mágico/religiosas, em que um Xamã, por meio de estados extáticos, contato com animais de poder (seus guardiões e auxiliares), danças e toques de tambor, consegue fazer a ponte entre o mundo dos homens e o dos espíritos. Pode ser considerada a forma mais antiga de religiosidade, presente em todos os continentes e é a raiz de um grande número de religiões.

Atualmente, médicos, advogados, donas de casa, psicólogos, espiritualistas, místicos, estudantes, executivos, e pessoas das mais variadas crenças estão estudando e aplicando o xamanismo.

A prática do xamanismo estabelece contato com outros planos de consciência, a fim de obter conhecimento, poder, equilíbrio, saúde. Propicia tranquilidade, paz, profunda concentração, estimula o bem estar físico, psicológico e espiritual. Os rápidos resultados, intuições de profundo significado, o contato com realidades ocultas, a obtenção de autoconhecimento, a busca do poder pessoal, contribuem para o interesse nas práticas.

O xamã pode ser homem ou mulher. É o mago, o curandeiro, o bruxo, o médico, o terapeuta, o conselheiro, o contador de histórias, o líder espiritual, etc. Ele é o explorador da consciência humana. O praticante é levado a sair do torpor convencional, reconhecendo os seus limites, a sua limitada visão pessoal do mundo, buscando um plano mais universal. Através de um chamado interior ele vive um confronto existencial, que o força a sair de uma zona de conforto, do falso brilho, da alienação, expandindo a sua consciência..

Reforçando a coragem e a determinação, o praticante mobilizado por visões, intuições e vivências, expande a sua consciência, podendo processar transformações de profundas proporções em sua vida. O xamanismo resgata a relação sagrada do homem com o planeta. Praticar xamanismo é ir à busca da excelência espiritual, é enxergar a realidade existente por trás dos conceitos, é se harmonizar com as marés naturais da vida. É trilhar o Caminho Sagrado, - acessando os portais da mente, das emoções, do corpo e do espírito.

A premissa básica é o reconhecimento que todos fazem parte da Família Universal e que tudo está interligado. O praticante compreende o "Espírito Essencial" que está dentro dele mesmo, na natureza e em todos os seres. Ele sabe quem ele é, e como se relaciona com o Universo. O reconhecimento do caminho da verdade vem da expansão da consciência e a

compreensão que o verdadeiro poder está dentro de cada praticante, e provém do desenvolvimento de seus próprios dons.

Hoje, no Planeta, a vibração está mais alta do que nunca. As pessoas se preocupam cada vez mais com o autoconhecimento e fazem a si mesmo uma pergunta: “O que eu realmente devo fazer na vida?” “Nesta busca deparam-se com barreiras sejam elas nos relacionamentos, trabalho, saúde, carreira e etc.”

O maior obstáculo para o crescimento é a inércia, que cria a insensibilidade, pois priva o indivíduo de novas possibilidades, cria passividade com relação à vida. Cria falta de vitalidade, de criatividade e predispõe ao papel de vítima. A consciência se limita a fugir, a ter medo. A vítima fica sempre vivendo as sombras do passado e com medo do futuro.

As práticas xamânicas compelem a mente a viver dentro do coração, até que a mente ignorante seja destruída. Isso se manifesta quando o ser se revela espontaneamente, o antigo modo de viver se acaba abrindo caminho para uma forma mais consistente e inteira.

Quando se aproxima o verdadeiro propósito da alma, tudo da natureza interior vem à tona e a pessoa entra em um processo mais rápido de transformação pessoal.

O praticante explora a estrutura de sua própria consciência e vai compreendendo com os fatos acontecem na sua vida, deixando de ser vítima das circunstâncias e aprendendo a lidar com os desafios utilizando a energia de forma a caminhar na luz, no amor e na paz.

Praticando a sabedoria das antigas tradições adaptadas ao mundo atual, o trabalho do xamanismo é feito com tambores, canções, meditações, instrumentos de poder, danças, respirações, visualizações, histórias, vivências e muito amor.

A iniciação de um Xamã é um rito de passagem espontâneo similar do homem que subiu ao céu: ficou doente ou foi abandonado, foi socorrido por um animal (ou outro ser), foi curado por este, dele recebeu poderes, testou-os, e foi mandado embora, para os seus com os novos poderes.

Uma pessoa que deseja entender algo sobre o xamanismo precisa primeiro experimentar a sua própria morte, e essa é uma árdua tarefa. Mas como IndraGurung, um xamã guru do Nepal, diz, “sem a experiência da morte, não há xamanismo”. A pessoa que não morreu alguma vez como ser humano, que não morreu para a sua forma de pensar e para o seu conjunto de verdades, não pode entender nada sobre a natureza do xamanismo.



2.1. O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase



Uma primeira definição desse fenômeno complexo, e possivelmente, a menos arriscada, é definir desta forma:

Xamanismo = Técnica do Êxtase.

Atualmente existe à disposição um montante de obras sobre o xamanismo, algumas com enfoque antropológico, outras com enfoque histórico, outras com enfoque ficcional e

outras ainda com um enfoque místico que poderíamos chamar de new age. É preciso deixar claro que é o primeiro enfoque, o antropológico, que produz a maior parte do material sobre o qual os outros enfoques se sustentam, sendo a literatura new age aquela que mais tende a distorcer este material em benefício de ideologias do momento.

O Xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase é uma das mais influentes obras até hoje sobre xamanismo, escrita pelo historiador das religiões romeno Mircea Eliade.

"Apesar das numerosas reservas que atualmente se fazem a esta imponente obra", aponta lucidamente Bernard S. D'Anglure, "ela permanece a melhor introdução ao xamanismo, no tocante tanto aos temas abordados quanto à diversidade de tradições culturais descritas" (1996). Apesar de a influência desta definição de xamanismo ter sido mais explícita nas pesquisas de cunho histórico (cf. Sullivan, 1988) e fenomenológico (cf. Ripinsky-Naxon, 1993), ela também pode ser percebida em pesquisas antropológicas e etnográficas de outras orientações, que mesmo quando não fazem referência direta à obra de Eliade adotam o conceito de técnicas do êxtase para tratar das experiências xamânicas (cf. Langdon, 1992 e 1996). O motivo da ausência de referências explícitas a Eliade por parte dos antropólogos e etnólogos é de fácil compreensão: Eliade é famoso por nunca ter pesquisado o xamanismo fora das bibliotecas e, principalmente, por ter distorcido informações para que se encaixassem em seu prometo purista e essencialista de descobrir "o verdadeiro xamanismo Siberiano".

No entanto como explicar a ampla influência, mesmo que anônima, de sua definição de xamanismo como técnica do êxtase?

Falar de xamanismo é uma atividade controversa, pois a ideia de que exista um "xamanismo" em geral independente dos "xamãs" particulares é apenas uma ficção metodológica. Cada sociedade tem seus próprios rituais de iniciação ao xamanismo, e mesmo dentro de uma mesma sociedade estes rituais podem variar de acordo com o caso. Além disso, atualmente já se sabe que a palavra "xamã", apesar de designar a pessoa, não indica exatamente uma propriedade da pessoa, mas sim uma qualidade dela, um poder que ela adquire e que ela pode também perder; não é algo que se é, e sim algo que se tem ou que se pode. A produção de conhecimento influencia no próprio conhecimento produzido,

sintetizada no slogan "saber é poder" e o olhar que cada antropólogo em cada época e contexto lançou a cada xamã certamente influenciou aquilo que ele viu.

Jeremy Narby e Francis Huxley mostraramissomuitobemna coletânea Shamans Through Time: 500 Years on the Path to Knowledge:

Se há alguma coisa que mudou nos últimos cinco séculos de pesquisas sobre o xamanismo, foi "o olhar dos pesquisadores" (Narby e Huxley, 2001).

Assim não podemos, a princípio, falar de "xamanismo" a não ser como um "tipo-ideal" construído a partir de muitos estudos particulares de casos particulares e ainda em processo de formação.

Mas se a análise comparativa de práticas xamânicas de uma grande quantidade de tribos diferentes não nos oferece mais do que um "tipo-ideal", isso não nos impede de usar esta tipologia como recurso interpretativo. É preciso apenas atentar para que a forma "xamanismo" nunca deixe de se informar sobre as singularidades da matéria dos xamãs, nunca se torne um molde acabado que então só reduziria esta matéria a uma forma pré-estabelecida.

O conceito Eliadeano de "xamanismo como técnica do êxtase" tem tido uma boa aceitação na antropologia, apesar dos problemas de seu criador, pelo simples fato de que ele dá conta do fenômeno e é capaz de se deixar informar por cada nova descoberta feita sobre o fenômeno. Ele se disseminou, pois conseguiu captar, mesmo que por vias equivocadas, uma característica fundamental do fenômeno, que é a capacidade do Xamã de controlar tecnicamente o êxtase seu e o êxtase alheio. Quanto mais se conhece os xamãs mais se percebe que é justamente isso que os caracteriza.

Suas viagens para os mundos espirituais, seus transes, suas canções, seus mitos, seus rituais de cura, adivinhação etc., apesar de todas as singularidades contextuais, podem ser definidos como diferentes formas de operar um transporte para a dimensão pré-individual das

relações, com o objetivo de transformá-las de acordo com as necessidades (como quem consegue dirigir seu próprio sonho, só que o tornando realidade), a experiência extática é considerada a experiência religiosa por excelência, é o xamã, e apenas ele, o grande mestre do êxtase".

Se por 'xamã' se entender qualquer mago, feiticeiro, medicine-man ou extático, a tradução para o português acrescenta ainda "curandeiro" e "pajé" encontrado ao longo da história das religiões e da etnologia religiosa.

Embora o xamã tenha, entre outras qualidades, a de mago, não é qualquer mago que pode ser qualificado de xamã. A mesma precisão se impõe a propósito das curas xamânicas: todo medicine-man cura, mas o xamã emprega um método que lhe é exclusivo. As técnicas xamânicas do êxtase, por sua vez, não esgotam todas as variedades da experiência extática registradas na história das religiões e na etnologia religiosa; não se pode, portanto, considerar qualquer extático como um xamã: este é o especialista em um transe, durante o qual se acredita que sua alma deixa o corpo para realizar ascensões celestes ou descensões infernais."

Além disso, Eliade nunca dissimulou a sua busca por um xamanismo "ideal", e para isso empregou uma impressionante quantidade de livros e artigos, principalmente sobre o xamanismo asiático. Por isso, quando dizia "xamanismo em si", ele se referia menos às práticas rituais do xamã em seu contexto social particular e mais a uma "simbologia do êxtase", cristalizada naquilo que ele chamou de "ideologia xamânica". Talvez pudéssemos dizer que os principais méritos de sua pesquisa foram dois:

- organizar e sintetizar a enorme quantidade de pesquisas disponíveis até então sobre xamanismo, dando início a uma nova fase no estudo do fenômeno;

- propor uma terminologia unificada, mesmo sem tê-la desenvolvido plenamente, composto pelas noções de "xamanismo stricto sensu" e, principalmente, "técnicas do êxtase".

Não se trata aqui, portanto, de criticar a ambição de Eliade por uma definição do "fenômeno

xamânico em si" a partir de conceitos obscuros e pouco atentos à realidade etnográfica, isto já foi feito a contento pela antropologia. Pelo contrário, partimos da constatação de que esta definição de xamanismo se aplica com enorme propriedade às mais diversas manifestações do fenômeno, sendo nosso objetivo, na verdade, retomá-la a partir de uma revisão crítica da própria noção de "técnica do êxtase", tarefa esta que não foi realizada nem por Eliade e nem por mais ninguém - o que parece surpreendente, visto que, tudo leva a crer, uma das principais causas da confusão terminológica que assola os estudos de fenômenos classificados como "religiosos" e que finda por comprometer a sua aplicação para além de um misticismo nebuloso, é justamente a ausência de uma maior preocupação com o rigor conceitual.

É graças à sua capacidade de viajar para os mundos sobrenaturais e de ver os seres sobre-humanos, deuses, demônios, espíritos dos mortos etc. que o xamã pôde contribuir de maneira decisiva para o conhecimento da morte. É provável que grande número de características da 'geografia funerária' e que certo número de temas da mitologia da morte sejam resultado das experiências extáticas dos xamãs. As paisagens que o xamã avista e as personagens que encontra em suas viagens extáticas para o além são minuciosamente descritas por ele mesmo, durante ou após o transe. "Aos poucos, o mundo dos mortos vai-se tornando cognoscível, e a própria morte acaba assumindo o valor de rito de passagem para um modo de ser espiritual."

O conhecimento adquirido pelo xamã em suas experiências extático-mórbidas seria, assim, numa espécie de autopoiese, a própria matéria prima da qual seriam compostos os mitos e as crenças relativas à morte. Mas dentre as habilidades xamânicas tornadas possíveis por estas experiências de "morte ritual", uma é de especial interesse para nós. Trata-se da "psicopompia", e sua relevância reside no fato de que ela apresenta, em forma condensada, os principais elementos daquilo que Eliade denominou "as técnicas do êxtase:

"O xamã é curandeiro e psicopompo porque conhece as técnicas do êxtase, isto é, porque sua alma pode abandonar impunemente o corpo e vagar por enormes distâncias, entrar nos Infernos e subir ao Céu".

Ele conhece, por experiência extática pessoal, os itinerários das regiões extraterrenas. Pode descer aos Infernos e subir ao Céu porque já esteve lá. O risco de perder-se nessas regiões proibidas é sempre grande, mas, santificado pela iniciação e munido de seus espíritos guardiões, o xamã é o único ser humano que pode correr esse risco e aventurar-se numa geografia mística.

A centralidade das "técnicas xamânicas" para esta visão do xamanismo pode ser confirmada pela sua permanência nos estudos de Lawrence E. Sullivan (1988) sobre o "xamanismosulamericano como técnica do êxtase".

Sullivan consegue ir muito além de Eliade naquilo que ele chamou de "total hermeneutics of the religious condition of mankind" (Sullivan,1988), certamente por ter se beneficiado pelos "criticismos recentes e inovações das ciências culturais, especialmente a antropologia" (Sullivan, 1988), mas principalmente por empregar, na dimensão temporal, um esquema tripartido (primórdios, cosmos e apocalipse), em lugar do "dualismo trágico" eliadeano entre o "tempo histórico" e o "tempo mítico".

É importante perceber que, para Sullivan, assim como para Eliade no caso do xamanismo siberiano, o xamã não é o único "ecstatic specialist", mas apenas "o mais importante e bem conhecida América do Sul", e que portanto o que o caracteriza não é o êxtase em si, mas sim a sua especialização "no conhecimento e cuidado das almas dos outros".

3. O Xamã



A palavra “Xamã” deriva do tungue, idioma dos Evencos, da Sibéria e significa “Homem Inspirado pelos Espíritos”. Como em todas as religiões primitivas, o papel do líder religioso – repositório das tradições, conhecimento e crenças – é de vital importância.

A organização da hierarquia xamânica difere ligeiramente nas diferentes etnias, em alguns casos esse ofício é hereditário, já em outros não. Contudo, em toda parte o dom sobrenatural é uma qualificação necessária para se tornar Xamã.

Aceitar o chamado de ser Xamã significa acolher diversos espíritos, protetores, trabalhadores – ou pelo menos um – como Guia Protetor, pois o Xamã entra em comunicação direta com o mundo espiritual.

A convocação xamânica, às vezes, se manifesta por intermédio de um animal, planta ou algum outro objeto ou evento natural que a pessoa encontra no momento certo. Muitas vezes é uma voz interior que convida a pessoa a entrar em contato direto com os espíritos.

Em geral, os xamãs são muito vinculados à sua vocação, apesar das perseguições e ameaças que sofrem por conta do preconceito e da posição que ocupam, tendo seus objetos sagrados e tambores queimados. Muitos foram mortos, e até recentemente em 2011, houve uma grande perseguição aos Xamãs Peruanos, onde alguns, até hoje estão desaparecidos.

3.1. O Estar Xamã

O xamã interior é um estado de perfeita harmonia e integração com a natureza e o cosmos, a matéria e o espírito. Não se "é" xamã, se "está" xamã. A palavra xamã tem muito mais a ver com um estado de espírito e receptividade do que com um tipo social. Estudos, testes, rituais e provas, podem não ser fatores determinantes em alguns momentos de nossas vidas. Estar em conexão com tudo e com todos sendo grato ao Grande Espírito, não pode ser garantido por vias culturais, racionais e lógicas. Não existe um método para ser xamã. Aprender a viver a vida em harmonia, agindo sempre com amor, é a maior iniciação para o espírito, isto o torna xamã, este é o verdadeiro xamanismo. Quando perdemos a confiança em nós mesmos, quando ficamos com medo, não amamos. Neste momento não estamos xamã.

3.2. Os cinco inimigos do Xamã

- EGO
- MEDO
- CLAREZA
- PODER
- VELHICE

O primeiro inimigo é o Ego, mas não no sentido do egocentrismo, mas sim no sentido do egoísmo, ou seja, acreditar que é o "SER", quando é apenas um "Ser", uma espécie de sonda que envia sinais, sentimentos e impressões ao Espírito ou Eu Superior, que está pulsando em alguma parte do Universo, e de acordo com as informações enviadas pelo personagem do ego tridimensional, evolui ou estagna.

O segundo inimigo é o Medo do conhecimento, porque quando se depara com tudo aquilo que se quer conhecer, quer ter e quer saber, vê-se a sua ignorância, mas para transpor

este inimigo é necessário que se enfrente o medo e não fuja da escuridão, assim descobre-se a clareza e com lucidez revelada, aprende que a paciência e dedicação vencem o inimigo.

O terceiro inimigo passa a ser a Clareza porque se pode parar neste estágio, pensando que já se sabe de tudo. Porém a clareza é o sinal que começou a jornada para aprender ter a visão do todo e assim perder o medo da escuridão, ou seja, do desconhecido e adquirir o poder de enfrentar mais este obstáculo.

O quarto inimigo é o Poder, pois já passou pelo medo, adquiri-se a clareza e se conscientiza da sua potencialidade, do poder que se tem e pode o Xamã parar neste estágio achando que é poderoso o suficiente para desejar ser dono de tudo e de todos, com isto, confundir este poder, com uma autoridade autoritária se tornando um déspota. Este é o grande momento de transcendência porque o poder compreendido, desvinculado da virtude se torna sedutor e destruidor, e perdem o sentido da autoridade do conhecimento que reconhece, que somos nada diante do todo, que é o universo. Contudo podemos passar por este estágio tendo o poder do conhecimento e resgatar a história da humanidade quando a velhice chegar.

O quinto inimigo é a Velhice, o tempo cronológico passa, nesta jornada da busca do conhecimento, após transpor o terceiro inimigo que é sutil e tentador se depara com a idade e com a crença que nada mais se pode fazer porque está ficando velho. É um fato que o corpo físico pode estar com menos agilidade que outrora, mas é neste exato momento que é necessário compreender a bioquímica do corpo como um sistema vibracional macro-micro e a consciência atravessada por crenças limitantes criam as reações químicas que sustentam a vida de cada célula. Uma célula que envelhece é o produto final da consciência que se esqueceu de como permanecer jovem. É neste exato momento que é necessário desconstruir a crença de vítima do envelhecimento, da doença e da morte. Essas coisas são partes do cenário e não daquele que sabe ver e vê com o olhar do sábio: - Vê o espírito.

4. As Plantas de poder



As Plantas de Poder são ingeridas em rituais, obedecendo a preceitos mágico-religiosos proporcionando cura, autoconhecimento, expansão da consciência.

O uso de Plantas Sagradas vem fazendo parte da experiência humana há milênios e não devem ser confundidas com drogas que causam a dependência e colocam em risco a saúde de quem as usa. A Planta é criação de Deus, a droga é uma criação humana.

O Xamanismo Ancestral dividiu as plantas em 3 categorias: plantas medicinais, plantas de poder e plantas mestras professoras.

As plantas medicinais são mais utilizadas para fins analgésicos em geral, as plantas de poder fornecem uma conexão com dimensões energéticas/espirituais superiores, como o Mundo dos Espíritos e as plantas mestras professoras tem o objetivo de não apenas nos remeter ao Mundo dos Espíritos, bem como nos ensinar, guiar e orientar, nos ajudando a compreender o Universo e nosso microuniverso, sob novas perspectivas e pontos de vistas mais sutis, assim como também podem nos remeter ao passado para resgatar alguma habilidade perdida, também atuam como poderosas ferramentas de cura, tanto física como emocional, mental e espiritual.

Estudando suas utilidades curativas e de autoconhecimento nossos ancestrais encontraram grande magia nas plantas. Desde tempos remotos o homem já se conectava com sua Divindade através de Bebidas Sagradas, desde o SOMA da Índia, à Ayahuasca Sulamericana, em todos os continentes do planeta acharemos evidências e práticas espirituais

que ainda utilizam tais meios para se conectarem com o Mundo dos Espíritos e assim, obter cura e autoconhecimento.

A partir de agora falaremos das principais Plantas de Poder utilizadas pelos seguidores do Xamanismo Ancestral, os Xamãs.

4.1. Peiote



O Peiote (*Lophophora Williamsii*) conhecido também como mescalito e sacramento, é um pequeno cacto redondo (menos de 12 cm no diâmetro, uma planta de poder utilizada pelos nativos do México e EUA.

Os huicholes dão ao peiote o nome de **hicurí**; os coras, seus vizinhos de **huatari** entre os tarahumares também é **hicurí**, mas seguido de um oposto, **huanamê** que significa superior, mais alto, por certo em decorrência do caráter religioso da planta. É o **señi** dos kiowas, o **wokowi** dos comanches e o **ho** dos apaches mescaleros.

A maioria das cerimônias formais do Peiote misturam o rufar tambores de água, com cantos, orações, contar histórias, como meios de oferecer agradecimentos e como uma maneira de compartilhar com o Criador.

Usado pelas tribos mexicanas, seu uso, era uma tradição bem estabelecida na época da entrada europeia no mundo novo, este uso religioso pré-histórico difundiu eventualmente nas

regiões norte-americanas, junto com esta migração vieram as mudanças nas cerimônias básicas associadas com o Peiote.

"Com a chegada dos conquistadores espanhóis no México, o Peiote foi perseguido pela inquisição e proibido como obra do demônio, o que não impediu que seu uso continuasse muito difundido entre os índios mexicanos. Na verdade, a disseminação cresceu nos anos seguintes, quando foi introduzida nos EUA pelos apaches mescaleros. No século XIX, o peiote desempenhava papel central na religião de várias tribos norte-americanas, incluindo os comanches, os cheyennes, os delawares e os kiowas”.

O Peiote deriva do cacto *Lophophora*, que cresce no México e na região sudoeste dos estados Unidos. Depois de colhido, o cacto é deixado para secar, adquirindo então, o aspecto de um botão enrugado de cor marrom, tornando-se o Peiote, que contém alcalóides de ações diversas, incluindo, um excitante dos reflexos.

A planta deve seu poder principalmente à mescalina, embora a presença de outros alcalóides psicoativos como a loforina e a anhalonina produza efeitos mais fortes e diferentes daqueles experimentados com a ingestão da mescalina pura.

O uso médico do Peiote foi bastante difundido entre médicos norte-americanos no final do século XIX, que receitavam como tônico cardíaco e medicamento para dificuldades respiratórias. Chegou também a ser testado como antiespasmódico e até em caso de manifestações histéricas, porém hoje em dia sua aplicação terapêutica é nula. Estudos realizados na Universidade do estado da Califórnia, por James McCleary, revelaram que substâncias extraídas do Peiote possuem propriedades antibióticas inibindo as atividades tóxicas do *Sataphylococcus aureus*, uma bactéria resistente à penicilina.

Dizem os Yoguis que da glândula pituitária nasce a flor de lótus de duas pétalas, eles asseguram que é daí surge o dom da clarevidência. Já alguns astrólogos afirmam que a pituitária está influenciada por Vênus.

4.2. Iboga



Não foi difícil achar o primeiro pé da tal planta. Trata-se de uma raiz subterrânea que chega a atingir 1,50m de altura, pertencente ao gênero *Tabernanthe*, composto por várias espécies sendo que 650 destas já foram identificadas na África Central.

A que mais interessa a medicina ocidental é a *Tabernantheiboga*, encontrada, sobretudo na região dos Camarões, Gabão, República Central Africana, Congo, República Democrática do Congo, Angola e Guiné Equatorial.

O arbusto cresce em áreas de floresta tropical, solos pantanosos ou savanas molhadas. Ela floresce e produz frutos durante todo o ano, seu principal alcalóide princípio ativo - é a ibogaína, extraída da casca da raiz e que representa 90% dos 30 alcalóides encontrados nas raízes desta espécie. A Iboga pertence à família dos alucinógenos clássicos, entre eles o Peiote, os cogumelos, a ayahuasca e o LSD.

Acredita-se que os pigmeus tenham descoberto a Iboga em tempos imemoriais e até hoje estas populações a utilizam em ritos nos quais dificilmente admitem a participação de brancos. Segundo os escritos de um especialista nesta planta, o italiano Giorgio Samorini, algumas espécies de animais, entre as quais os mandris e javalis, alimentam-se das raízes da iboga para conseguir efeitos entorpecentes.

É provável que os pigmeus tenham descoberto as propriedades alucinógenas da Iboga observados o comportamento curioso destes animais.

Em 1901 a ibogaína foi isolada pela primeira vez. Há notícias de que ela teria sido usada no ocidente desde início do século no tratamento de gripe, doenças infecciosas, neurastemia e doenças relacionadas ao sono.

Em 1962, Howard Lotsof, um jovem viciado em heroína em busca de uma nova droga, acaba descobrindo a Iboga e após uma viagem de 36 horas, relata que perdeu totalmente o desejo de consumir heroína não sentindo nenhum sintoma de abstinência. Administrou a substância a sete amigos também viciados, e em cinco casos o resultado foi o mesmo.

Em 1983 Lotsof reportou as propriedades anti-aditivas da ibogaína e em 1985 obteve quatro patentes nos EUA para o tratamento de dependências de ópio, cocaína, afetamina, etanol e nicotina. Fundou o International Coalition for Addicts Self Help e desenvolveu o método Endabuse, uma farmacoterapia experimental que faz uso da ibogaínaHCl, a forma solúvel da ibogaína. Através da administração de uma única dose, cujo efeito dura dois dias, haveria uma atenuação severa ou completa dos sintomas de abstinência, permitindo que o dependente se desintoxique sem dor. Em segundo lugar, uma retirada ou perda do desejo de consumir drogas por um período mais ou menos longo de tempo.

4.3. Datura



É um nome genérico que abrange várias espécies, a mais conhecida é a *Datura Stramonium*. No Brasil é conhecida como Trombeteira, Lírio, no Peru é conhecida como Floripôndio ou Tóe.

É utilizada desde a antiguidade, citada até na obra de Homero "Odisséia". Conta que Ulisses chegou à ilha habitada pela ninfa Circe, esta deu de beber à tripulação uma poção, para que os marujos pudessem esquecer de sua terra natal.

Na Idade Média, a *Datura* compunha várias poções e unguentos de feiticeiras. Conta-se que as bruxas medievais aplicavam um unguento de *Datura* em várias partes do corpo, incluindo a genitália e o ânus, para produzir a sensação de estarem voando em suas vassouras.

Lu Gomes e Roberto Navarro (Planeta) descrevem que a imagem da bruxa voando na vassoura é considerada o estereótipo de um tipo específico de feiticeira medieval que se utilizava principalmente da *Datura Stramonium*, talvez por isso a planta tenha sido apelidada de "erva do demônio e cizânia".

A *Datura* também era usada por motivos religiosos pelos índios que habitavam o sudoeste dos EUA e México antes da chegada do colonizador branco.

De acordo com Sangiradi Jr. a planta sagrada dos Zunis, índios da cultura pueblo, o estramônio (a'neglakya) pertence aos sacerdotes da chuva e aos chefes de certas fraternidades religiosas. Somente o xamã pode colher esta erva. Quando ingerida, leva ao estado de transe

que permite ouvir as vozes dos pássaros, curar e adivinhar. Também é usada pelos médico-feiticeiros como tópicos, em ferimentos e contusões.

Schultes diz que os índios do nordeste dos Estados Unidos fazem uso limitado, mas o estramônio é o principal ingrediente do Wysoccan, bebido pelos algonkins, leste dos Estados Unidos, antes de um rito de passagem, em que se processa a iniciação dos adolescentes.

Também utilizada por índios que habitavam o sudoeste dos EUA e México antes da chegada da colonização sendo os componentes da planta extremamente potentes e perigosos.

Segundo Sangirardi Jr. a intoxicação produzida pela droga tem duas fases opostas: a uma exaltada agitação segue-se o sono profundo e inquieto. Os sintomas são provocados por dois alcalóides do grupo tropano, que atua sobre o sistema nervoso periférico e central, esses dois alcalóides, dos quais a atropina é um composto racêmico, são: escopolamina (histocina), o principal e hiosciamina”.

4.4. Jurema Negra



Jurema Negra (*Mimosa Tenuiflora*) também conhecida como Espinheiro Preto. É uma árvore muito conhecida no nordeste brasileiro. São utilizadas a casca e a raiz macerada na água, vinho ou cachaça.

É desta planta que se origina o famoso "Vinho da Jurema", que foi citado até na obra "Iracema", de José de Alencar: “Através da planta, os guerreiros de Araquém entravam em comunicação com o mundo invisível”.

É usada nos rituais do Catimbó e pajelanças, principalmente entre os índios Jês e Tapuias e Kariris (BR). O preparo da bebida e o cerimonial eram secretos. Também usada por médicos-feiticeiros, juntamente com o fumo e o maracá, para abençoar, aconselhar e curar. A ingestão permite ao pajé entrar em contato com seus espíritos ancestrais.

Na Umbanda, Jurema é a dona das ervas mágicas.

Segundo Sangirardi Jr. os pajés indígenas ensinaram aos brancos e mestiços os mistérios da pajelança, e esta influenciou no Catimbó. O "Cauim" (cachaça com Jurema) proporciona um sentimento de plena energia, de paz com o mundo e com nós mesmos, de empatia com todas as criaturas.

Abaixo nota do antropólogo Rodrigo Grunewald, que participou do Encontro da Nova Consciência de 2.007 em Campina Grande – Paraíba.

O termo Jurema designa várias espécies de plantas psicoativas dos gêneros Mimosa, Acácia e Pithecelobium, mas também vários tipos de bebidas, de cultos e de contextos de uso.

Há uma diversidade de significados abrangida pelos usos da Jurema, passando pelos contextos indígenas, pelo Catimbó, ou seu consumo nas religiões “afro”, até os experimentalismos urbanos contemporâneos. Assim, nos anos noventa, foi elaborada na Europa uma nova bebida feita a partir das cascas de raízes de Jurema (*mimosa tenuiflora* willdpoir) e de sementes de Arruda da Síria (*Peganumharmala*). A esta beberagem se convencionou chamar, também, de Jurema. Diferente das Juremas dos cultos afro-ameríndios brasileiros, esta bebida serviu como um análogo da ayahuasca, bebida composta a partir do cipó *Banisteriopsiscaapi* e das folhas da *Psychotriavidis* e regularmente usada em cultos brasileiros com os nomes de Daime ou Vegetal.

A criação da Jurema Europeia objetivou sua utilização na substituição do Daime em trabalhos terapêuticos então realizados em Amsterdam. Posteriormente, esta Jurema difundiu-se pelo Brasil entre grupos urbanos que a acolheram dentro de perspectivas espirituais variadas, mas essencialmente informadas por uma bagagem fornecida pelas religiosidades ayahuasqueiras e “new age”. Alguns autores propuseram denominar esta nova bebida de “Juremahuasca”.

4.5. Ayahuasca



Bebida Sacramental Ayahuasca, é, principalmente, fruto da decocção do cipó *Banisteriopsis Caapi* e a folha *Psychotria Viridis*. Outras espécies de cipó e folha também são utilizadas em algumas regiões.

É também conhecida por Yagé, Caapi, NixiHoniXuma, Oasca, Vegetal, Santo Daime, Kahi, Natema, Pindé, Dápa, Mihi, etc.

Seu nome mais conhecido Ayahuasca é de origem quechua, que significa "Liana (Cipó) dos Espíritos". É chamada também de "O Vinho da Alma" ou "Pequena Morte".

Utilizada por povos pré-colombianos, incas, e muito utilizada por pelo menos, 72 tribos indígenas diferentes da Amazônia. É empregada extensamente no Peru, Equador, Colômbia, Bolívia e Brasil. Foi usada provavelmente na Amazônia por milênios, e está expandindo-se rapidamente na América sul e em outras partes do mundo com o crescimento de movimentos religiosos organizados tais como Santo Daime, União do Vegetal (UDV), Barquinha que a consagram como sacramento de seus rituais.

Ingerindo essa bebida mágica, pode-se absorver o “Espírito da Planta”. Os sentidos são expandidos, os processos mentais e as emoções tornam-se mais profundos. A jornada pode mover-se em muitas dimensões. O voo da alma, a partida do espírito do corpo físico e uma sensação de flutuar.

A experiência pode, em algum ponto revelar visões notáveis, insight’s, produzir catarses, experiências de renovação, de renascimento positivas, visões arquetípicas, de animais, de espíritos elementais, de cenas de vidas passadas, de Divindades, etc. Abre-se o portal de outros reinos da existência.

Não são todos que recebem visões na primeira vez que experimentam. O trabalho com Ayahuasca é um processo que exige exame, dedicação, disciplina, perseverança e tempo para um benefício mais completo. Às vezes são necessárias várias sessões para se conseguir esse presente.

A experiência é ainda mais poderosa quando abrimos a mente e o coração e nos entregamos para receber essa energia de cura, conhecimento e autoconhecimento.

Uma vez que iniciado, o processo da renovação e transformação, eles continuam. O grande passo no trabalho com a Ayahuasca é a assimilação dos ensinamentos espirituais e a prática na vida diária, ou seja, colocar em prática o que se aprende. Isso garante a dimensão espiritual em nosso dia-a-dia, e é essencial para recebermos as dádivas e as bênçãos espirituais para que possamos evoluir no estudo e aprender mais.

A ela atribui-se a cura de males físicos, psicológicos, mentais e espirituais. Os estudos científicos ocidentais estão confirmando aplicações médicas e psicoterapêuticas benéficas.

A medicina sempre é consumida corretamente em cerimoniais. No Peru, os xamãs evocam guardiães, protetores espirituais. Evocam Arcanas (escudos protetores) através de cânticos de poder (Icaros), do fumo de tabaco, de uma poção de limpeza (vomitiva),

Camalonga, e algumas águas perfumadas (Água de Florida, Flores de Kananga) que atraem os espíritos.

A jornada com Ayahuasca leva a exploração tanto deste mundo “ordinário”, como mundos paralelos, que estão além de nossa percepção corrente e libera os limites normais de espaço-tempo.

A história da Huasca e Mariri é contada na União do Vegetal (UDV), mostrando de forma simbólica, a origem e o significado do chá utilizado nos templos incas do Alto e Baixo Peru.

Conta a história que havia uma vez uma jovem princesa muito sábia que era a conselheira do rei inca, sua sabedoria e conhecimento eram inigualáveis por qualquer pessoa e nenhuma decisão em seu templo era tomada pelo rei antes de consultá-la. Um dia Huasca morreu, o rei ficou triste, chorou sua perda e a fez sepultar num local especial, porém com o passar do tempo, em sua tumba nasceu uma planta desconhecida.

Todos ficaram admirados observando a nova planta, que era diferente de todas as que conheciam. O rei, que muitas vezes visitava a sepultura de Huasca, acompanhava, dia a dia, o desenvolvimento daquele arbusto. Nesse tempo, ele já havia conseguido um novo conselheiro, ele era um marechal do exército Inca chamado Mariri, contudo, apesar de sua força e astúcia, não era tão sábio quanto Huasca.

Sempre observando aquela planta, o rei um dia pensou: "Se não existia e agora existe na tumba de Huasca, só pode ser Huasca transformada em planta e nas suas folhas guarda o conhecimento de Huasca".

Colheu então algumas folhas, preparou um chá e deu a Mariri para que adquirisse o seu conhecimento, sua sabedoria, mas ele não suportou toda a luz de Huasca e morreu.

Igualmente, Mariri foi sepultado ao lado de Huasca e, para surpresa de todos, em sua tumba nasceu um cipó, símbolo da força e resistência.

A planta cresceu e da mesma forma, o rei Inca colheu as folhas de Huasca carregadas com sua luz e sabedoria, e também o cipó com força e resistência de Mariri.

Iluminado pela luz de Huasca e protegido pela força de Mariri, o rei ensinou o segredo da bebida aos seus conselheiros e sacerdotes, os quais, por sua vez, ensinavam a outras pessoas, buscando, assim, ajudar no aperfeiçoamento da sabedoria e para o progresso espiritual da humanidade.

4.6. Ganja



Também conhecida como Canabis Sativa é originária da Ásia, da qual também é extraído o haxixe e o kif. A planta é também citada no Velho Testamento, cantada e louvada por Salomão, que a chamava de kálamo (cânhamo). No Brasil era utilizada pelos escravos africanos que conheciam suas propriedades. Sabe-se que ela é de uso de muitas tribos por lá, mas principalmente os pigmeus e zulus povos de Angola, Moçambique, Congo, etc., que a utilizavam ritualisticamente como uma "planta sagrada".

Sabe-se que os índios brasileiros também usam principalmente na região de Maranhão e Sergipe. Vamos a algumas possibilidades: os Tenetehara (os mais famosos no uso), Saterê-Mawé, Guajajara, Tukano, Macu, Tucuna, Mura. Era muito difundida entre negros e caboclos que a chamavam também de: fumo-de-caboclo.

Era utilizada para fins terapêuticos na China, como anestésico; também por africanos e asiáticos para aliviar tosses, dores de cabeça e cólica menstruais. Alguns pesquisadores

afirmam que ela é eficiente em casos de anorexia, glaucoma, enxaqueca, hipertensão, asma e ataques cardíacos. Utilizada também pela medicina Ayurveda

Segundo o pesquisador Rowan Robinson, uma antiga história relata que Shiva brigou com sua família e se afastou nos campos, e devido ao sol intenso, foi abrigar-se debaixo de uma planta alta de cânhamo, e come alguma de suas folhas, e ela o revigorou tanto, que ele a adotou como alimento preferido, tornando-se conhecido como o "Senhor do Banguê. O Banguê era historicamente associado a Kali, aspecto feminino de Shiva.

No budismo mahaiana, prossegue Rowan, reza uma lenda que Buda viveu de uma semente de cannabis por dia durante seis anos de disciplina, antes da sua iluminação. Os budistas tântricos do Himalaia usam cannabis ritualmente para aprofundar sua meditação e elevar a consciência.

Há traços de sua utilização ritual nas mais diferentes crenças, no taoísmo chinês, judaísmo, em tradições japonesas, no movimento rastafari, e em diversas práticas xamânicas.

A cannabis sativa é uma Planta da Lua, é bom entender o ensino que a lua nos dá, também através de suas plantas. A Lua reflete o brilho do Sol, porém tem uma parte da lua que o sol não ilumina, que alguns podem chamar de Lua Negra, ou Lilith, prefiro chamar de sombra. A luz do xamanismo ensina que quando se lida com uma planta da lua, é preciso saber o que é a sombra da planta, já que a luz é evidente. Por exemplo, a dependência é uma parte sombria, que pode ser provocada pelo uso sem consciência de qualquer planta. A luz de uma Planta da Lua é evidente quando consumida como um sacramento, como um poder de Deus atuante através do Reino Vegetal, refletido pela força da lua, que pode trazer conforto, introspecção, expansão da consciência, concentração. Isso é para todas as Plantas da Lua, a energia é da donzela, da rainha e da anciã da mãe.

O Dr. Andrew Weil, bacharel em biologia pelo Harvard College e formado em medicina pela Harvard School, fez várias experiências controladas com cannabis em seres

humanos. Para fazer seu trabalho também viajou muito pela América do Norte, América do Sul, África, para estudar a medicina indígena, plantas psicoativas e estados alterados de consciência. O DrWeil serviu como "ResearchAssociate" em Etnofarmacologia do Museu Botânico, Universidade de Harvard, pesquisando plantas medicinais e psicoativas. Também foi Presidente do Instituto de Pesquisas de Plantas Benéficas, em Sausalito, Califórnia, instituição sem fins lucrativos, educacional e científica, dedicada à investigação do uso de plantas para melhorar a vida humana. Atualmente é conferencista da Divisão de Perspectivas Sociais da Medicina, no Colégio de Medicina da Universidade do Arizona. Também é Conselheiro de Bem-Estar no "CanyonRanchSpa, em Tucson, Arizona, onde oferece aconselhamento individual sobre medicina preventiva e alternativa, cuidados pessoais em medicina, e vícios. Trabalhou também no Instituto de Saúde Mental em Washington, serviu o exército no serviço de Saúde Pública, estudou na reserva índia dos Dakotas do Sul e escreveu o livro editado aqui no Brasil pela Ed. Ground " Drogas e Estados Superiores de Consciência e outros.

4.7. SálviaDivinorum



Conhecida também como Maria Pastora pertence à família das sálvias ou mentas, é um arbusto silvestre que chega a medir aproximadamente um metro de altura, suas folhas são ovaladas e chegam a quinze centímetros, possuem folhas com coroas brancas e cálices

púrpuras. É original de Oaxaca, México era cultivada pelos mazatecas para adivinhações e cura. Para alguns índios era associada com a Virgem Maria de Guadalupe.

Um antropólogo da década de trinta, Jean Basset, mencionou uma infusão chamada de "Erva Maria" que provocava visões e era usada para adivinhações por um povo do México, na década de cinquenta o Dr. Weitlaner reportou o uso de "Maria Pastora ou Ska Pastora entre os mazatecas de um pequeno povo de Oaxaca. Na década de sessenta Gordon Wasson e Albert Hofmann levaram mostras da planta para identificação, onde deram o nome científico de *Salvia Divinorum*, *salvia* = salvar, e *divinorum* = dos adivinhos.

Segundo Wasson, era conhecida no Antigo México em náhuatl como *pipiltzintzintli*, que significa "A Mais Nobre Princesa". *Pipiltzintzintli* refere-se a algo extremamente nobre, conotando a superioridade da planta aos olhos dos ancestrais. A *Sávia Divinorum* permaneceu quase desconhecida até a década de 90 quando um etnobotânico Daniel Sieberg começou seus experimentos e os publicou na internet.

4.8. Lótus azul



A flor de Lótus azul (*Nymphaeacaerulea*) era tida como sagrada pelos antigos egípcios que utilizavam essa linda flor, que nasce no rio Nilo, embebida em vinho em suas comemorações. Conhecida por seus efeitos afrodisíacos, sempre esteve ligada à sexualidade e as origens da vida.

O deus da flor de Lótus azul no antigo Egito era Nefertem, ele oferecia a flor de Lótus ao deus do sol Ra para acalmar as dores do seu corpo envelhecido. Os antigos egípcios apreciavam a flor não apenas pelo seu cheiro agradável, mas também pelas suas qualidades curativas. Muitas imagens em murais egípcios mostram mulheres segurando a flor, cheirando a sua fragrância divina. Hoje em dia acredita-se que a planta era também usada como bebida recreativa em comemorações e orgias. Era venerada pelos antigos egípcios como uma planta visionária e era um símbolo das origens da vida.

Seus efeitos são afrodisíacos, eufóricos e relaxantes, despertando a libido, aumentando o desejo sexual e a sensibilidade, tornando-se ligeiramente ébrios em doses mais altas.

4.9. Cogumelos Sagrados



Os Cogumelos Sagrados (Teonanácatl) são fungos que nascem naturalmente em esterco de gado, são utilizados em cerimônias e rituais religiosos há milhares de anos por diversos povos e culturas, entre eles os Maias, Astecas e Mazatecas no México.

Pinturas antigas de cogumelos com humanóides que datam de 5000 a.C., foram encontradas em cavernas do planalto de Tassili, no norte da Argélia. Os povos da América do Sul e Central construíam templos aos deuses cogumelos, esculpindo “pedras cogumelos”.

Os Astecas eram intimamente ligados ao Deus das plantas sagradas. Eles usavam um grande número de plantas enteógenas incluindo os cogumelos mágicos (Teonanácatl). Eles

foram usados em rituais e cerimônias e eram servidos com Mel ou chocolate em alguns dos mais sagrados eventos.

São considerados “seres” Sagrados pelos curandeiros Mazatecas e são utilizados somente de forma religiosa como ferramenta para alcançar a compreensão do Universo, contato com seres celestiais e com o “Divino”.

4.10. Soma (Amanita Muscaria)



O nome Soma provém dos Vedas, escrituras sagradas da Índia, que nos relata que esta seria a Bebida Sagrada mais antiga da humanidade. Soma é a Bebida Sagrada preparada com o cogumelo Amanita muscaria. Sacramentado até os dias de hoje na Índia, Sibéria e Austrália, por tribos aborígenes. A substância ativa do Soma é o alcalóide Ephedrina, que nos remete a transe extáticos profundos, conhecido como samadi em sânscrito. A bebida é citada nos hinos do Rigveda, que foi escrito por volta de 1700 a.C. - 1100 a.C, durante o período védico em Punjabe - tais cogumelos de natureza enteogênica eram consumidos pelos xamãs da região.

4.11. Wachuma (TrichocereusPachanoi)



OWachuma ou San Pedro é um cacto originário da região dos Andes, Chile, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia. Sua substância ativa é a mescalina. Planta utilizada para cura e experiências visionárias e adivinhatórias, onde o xamã é levado a ter a visão da cura do enfermo, o espírito da planta entra em contato com o xamã ensinando-o a expulsar a enfermidade.

4.12. O Rapé



O rapé tem seu uso bastante difundido na região norte do Brasil. Os índios brasileiros o utilizam a séculos, mesmo antes da chegada dos europeus, de uma forma ritual, bem diferente do que se conhece hoje. Existem vários tipos de rapé, várias formas de prepará-lo, e vários fins para utilizá-lo. Desde os rapés mais simples, usados como simples expectorantes, até rapés de extremo poder e força tais como Virola, Pariká, Yopo, etc.

Considerados como enteógenos, colocando, dessa forma, o rapé no “hall” de plantas psicoativas utilizadas pelos índios das florestas brasileiras, o rapé, normalmente, tem como

base o tabaco, e alguma outra substância, normalmente vegetal, mineral, ou até fungo (cogumelo).

O rapé é uma medicina muito sagrada, utilizada durante pajelanças realizadas com Ayahuaska e defumações. Esse rapé tem uma alquimia simples, porém bastante interessante: sua base é o tabaco bem picado e pilado, e a mistura é a cinza da casca de uma árvore amazônica, que os índios Yawanawas chamam de Tsunu. Esse rapé possui um alcalóide ativado pela combustão da casca de Tsunu durante a sua confecção, por isso as propriedades medicinais são intensas. Para os Yawanawas, o rapé, a mistura da cinza com tabaco, pode expulsar qualquer coisa ruim e maléfica que possa estar atrapalhando a vida da pessoa, agindo no ponto em que a pessoa necessita. Também temos informações de que esse alcalóide foi bastante utilizado eficazmente contra várias doenças tropicais. A casca de Tsunu, é considerada uma das 10 plantas medicinais brasileiras mais importantes, é empregada na medicina popular para tratar malária, impotência, má digestão, tontura, prisão de ventre e febres.

Os primeiros registros científicos do uso do Pau-Pereira ou Tsunu em tratamentos médicos surgiram em teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e na Revista Médica Fluminense (1861-1923). Entre outras citações, aparece na primeira prescrição de banhos de ervas obtidas a partir do cozimento das cascas de Tsunu, do médico brasileiro Joaquim José da Silva (1791-1857) à escrava de sua irmã, que sofria de febres intermitentes. O relato menciona que a escrava foi curada no segundo dia de tratamento, resultado que estimulou o médico a continuar prescrevendo tais banhos para pacientes com febres.

O rapé é preparado com muito carinho, usando-se tabaco e cinzas de cascas de árvores, dentre elas o Tsunu, é usado para caçar e para tirar a "panema" (preguiça e má-sorte), na hora da cerimônia do Uni (Ayahuasca) as duas energias se unem e o Uni vem com mais luz, mais perfeito, profundo e esclarecedor.

4.13. A Sananga



Sananga é um arbusto das regiões amazônicas conhecido pelos índios Kaxinawás do estado do Acre como "Mana Heîns", nome oriundo do dialeto HuniKuín e pelos Yawanawas como "KanapãVetxeShuti". É extraído do interior de sua raiz um sumo em decocção, utilizado no preparo de um colírio natural que opera em duas vertentes energéticas de cura: a física e a espiritual. Seu princípio ativo é a Ibogaína, uma poderosa substância de poder que atua diretamente na causa original das doenças, é uma grande aliada nos tratamentos de dores crônicas, facilita a introspecção e a meditação, é um forte estimulante e afrodisíaco.

O espírito do Sananga faz uma verificação dos padrões energéticos em desequilíbrio, e vai diluindo as forças que constituem as "panemas", doenças espirituais ou de origem psicossomáticas. O resultado após a aplicação é um estado de equilíbrio que entra em sintonia com as forças da natureza, expansão visual espiritual ou terceira visão e também uma significativa melhora na fisiologia ocular. Há casos de pessoas que foram curadas de miopia com uma aplicação, apresentando imediatamente uma significativa melhora na percepção das cores e na definição das imagens.

Antes de irem para a caça, os índios administram uma gota em cada olho, fazendo com que sua percepção fique aguçada e perceba com maior facilidade movimentos sutis na floresta densa, seu efeito aumenta a profundidade e a texturas do ambiente, tornando mais fácil a detecção de animais durante a caça.

No contexto urbano o Sananga aumenta nossa capacidade de perceber as intenções das pessoas e faz com que aproveitemos melhor as oportunidades oferecidas pelo destino, pois amplia nossos sentidos e visão de longo alcance. O Sananga é indicado em casos de: glaucoma, catarata, miopia, astigmatismo, hipermetropia, distrofia, daltonismo, ambliopia, afacia, olho seco, fotofobia, presbiopia, ceratocone e dor de cabeça crônica, além de propiciar paz de espírito e aumentar nossa energia vital.

5. Conclusão

Ao termino desse trabalho podemos ter certeza que ao entrar no grande universo do Xamanismo e suas plantas de poder, só podemos agradecer ao Grande Espírito todos os ensinamentos, todas as alegrias, todos os perdões, todas as elevações, todo o amor, todas as curas que foram proporcionadas, e que a força do Grande Espírito continue guiando toda a humanidade para um caminho de paz e muita gratidão.

Namaskar!!!!

6. Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase**. 1ª edição. São Paulo: Biblioteca Universal. 1953.

HARNER, Michael. **O Caminho do Xamã**. 1ª edição. São Paulo: Cultrix, 1980.

CZAPLICKA, M.A. **Xamanismo Origens e Mistérios**. 1ª edição. São Paulo: Aquarolli Books. 2005.

SAMS, Jamie. **Cartas Xamânicas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco. 1988.

KING, Kahili Serge, **Xamã Urbano**. 1ª edição. São Paulo: Vida e Consciência. 2010.

WHITAKER, Cordel Kay. **A Iniciação de um Xamã**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record. 1991.

ARTESE, Léo. **O voo da Águia**. 1ª edição. São Paulo: C. Roka. 2000..

GROF, Stanislav. **Emergência Espiritual**. 1ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989.

ARTESE, Léo. **O Espírito Animal**. 1ª edição. São Paulo: C. Roka. 2001.

SCULLY, Nick. **Meditações dos Animais de Poder**. 1ª edição. São Paulo: Pensamento. 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. 1ª edição. São Paulo: Palas Athena. 1986.

KARPINSKI, Glória D. **As Sete Etapas de uma Transformação Consciente**. 1ª edição. São Paulo: Pensamento. 1997.

LEVI, Eliphas. **Dogma e Ritual de Alta Magia**. 1ª edição. São Paulo: Pensamento. 1896.

ARTESE, Léo. Pesquisa sobre Xamanismo. Disponível em <http://www.xamanismo.com.br/Universo/SubUniverso1186617496>